

---

A663

ARAÚJO, Taurino (1968-) et alli.

Nelson Cerqueira: alquimia construção e logos — um pacto autobiográfico. Fortuna Crítica/Taurino Araújo et alli.

1. Literatura. 2. Crítica literária. 3. Cerqueira, Nelson-1942. 4. Literatura – Teoria. 5. Hermenêutica. 6. Semiótica. 7. Arte. 8. Literatura comparada I. Título.

CDU 82.09

CDD 869

Índice para o catálogo sistemático:

1. Literatura – Teoria

2. Crítica literária.

---

**Bibliotecária responsável: Maria Solange Alves de Souza Paula – CRB 5/342**

## **NELSON CERQUEIRA: ALQUIMIA, CONSTRUÇÃO E LOGOS — UM PACTO AUTOBIOGRÁFICO**

TAURINO ARAÚJO<sup>1</sup>

Ensaio, crítica, poesia ou ficção, minha linha, meu texto [de *textum*, tessitura, tecido,] minha embriaguez, possui o ritmo de IRARÁ, o ritmo das catadeiras de fumo, a simplicidade do falar sertanejo, o vigor do ritmo das marujadas. Tudo que escrevo é autobiográfico, pois vem de uma única fonte, onde estão acumulados fatos, atos e artes, reais ou imaginários, atuais ou lendários, tudo, simplesmente tudo, a mesma coisa, a mesma água, o mesmo mar que outrora fora sertão, como queria GLAUBER ROCHA, a embriagar-me sempre e sempre<sup>2</sup>.

Para poder entender esse novo mundo [...] precisamos de um aparato diferente daquele que usávamos antes. Outras palavras e conceitos, porque não é apenas o mundo que mudou, mas também os modelos, gêneros e espécies no quais ele se dividia e se diferenciava. JOSEFINA LUDMER<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Autor de **Hermenêutica da desigualdade: uma introdução às ciências jurídicas e também sociais** (Del Rey, 2019), jurista e pensador brasileiro, TAURINO ARAÚJO é crítico literário, Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais. A sua *Magnum Opus* é considerada uma Epistemologia genuinamente brasileira, afora o conceito de verdade absoluta, 95 anos depois da Semana de Arte Moderna (1922).

<sup>2</sup> O presente artigo retoma o caráter universal da literatura de NELSON CERQUEIRA a partir de seu confessado pacto autobiográfico entre sertões, mares e desertos de produção em quatro continentes, obra pioneira na possibilidade e criação de sistemas.

<sup>3</sup> LUDMER, Josefina. **Aqui América Latina: uma especulação**. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 7.

Ó Morte, é hora, velho capitão! de alçar  
Âncora! Aparelhemos! Aqui é entediante!  
Se como tinta negra são o céu e o mar,  
Nossos corações – tu sabes – são irradiantes!  
Dá-nos teus venenos – é o que nos reconforta!  
Queremos, tanto o fogo vem-nos tal renovo,  
Mergulhar no abismo, Inferno ou Céu – que importa? –,  
E no Desconhecido para achar o *novel*! (BAUDELAIRE, 2019, p. 427)

Certa manhã, partimos, cabeça queimando,  
Coração rancoroso a se amargurar,  
Pelo ritmo das vagas, que vão embalando  
Nosso infinito nesse finito mar (BAUDELAIRE. *As flores do mal*, 2019, p. 415) <sup>4</sup>.

## Produção inquieta e proposital em pelo menos quatro continentes

Desde Punta Del Este, recorro o incômodo estomacal da ostra no processo de produção de pérolas e também daquele frustrado renascimento tardio de NIETZSCHE, que há tanto (ou ainda!) não houve. Relativo frente ao Absoluto. Trata-se da irremediável morte do homem, a partir da dissertação de BRNCOSO — o factótum para pensar a Filosofia com a rapidez e o relance das sínteses ampliadoras do homem dentro e fora, próprias de quem fez grandes análises da “inspiração para a teoria literária e a aplicação da teoria para chegar à hermenêutica do texto literário, e depois à hermenêutica do texto jurídico” <sup>5</sup> — o personagem autobiográfico de NELSON CERQUEIRA em *O quinto Segredo de Jane*:

BRNCOSO continuou a falar, agora, com mais desenvoltura, pois até para ele a temática de FOUCAULT era agradável. Assim seguiu: E se o verdadeiro homem é inconsciente tampouco terá algo significativo para falar acerca do homem real, em direto confronto com o homem assertivo de DESCARTES. FOUCAULT vai chegar nessa esteira do conhecimento e a ele não lhe é dado o direito de desconhecer esse processo de informação e de formação do conceito de homem, o que, aliado a NIETZSCHE, leva-o a eliminar o homem do centro de discussões <sup>6</sup>.

É, portanto, sobre uma fantástica e, ao mesmo tempo, consistente produção de sentidos nos planos do ensaio, crítica, poesia ou ficção “embalando no infinito nesse finito mar” de BAUDELAIRE. Oceanos de fora e de (por) dentro. Mergulho, cruzada e voo na

---

<sup>4</sup> BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Tradução e organização de Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

<sup>5</sup> Discurso de posse na Academia de Letras da Bahia, Cadeira 4, Salvador, 11 de maio de 2017. NELSON CERQUEIRA (Irará, 17 de junho de 1942) é jornalista, escritor, ficcionista e ensaísta, tem graduação em Letras: Língua e Literatura Alemã pela Universidade Federal da Bahia (1975), é mestre (1978) e doutor (1986) em Literatura Comparada pela Indiana University (EUA), professor adjunto da Faculdade Hélio Rocha e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito da UFBA. Publicou vários livros, entre os quais: *Hermenêutica & literatura: Um estudo sobre William Faulkner e Graciliano Ramos* (CARA, 2003), *A Crítica Marxista de Franz Kafka* (CARA, 2005), *Pêndulo – poemas* (Imago, 2010), *A estética da recepção da poesia de Agostinho Neto* (Imago, 2011), *Uma Visita a Jorge Amado* (Imago, 2013), *O quinto segredo de Jane*, romance (Instituto Memória, 2020) e *Sonetos do Isolamento* (Instituto Memória 2021).

<sup>6</sup> CERQUEIRA, Nelson. **O quinto segredo de Jane**.

vastidão de uma literatura que “trabalha nos interstícios da ciência” e “engrena o saber no rolamento de reflexividade infinita”, diria ROLAND BARTHES<sup>7</sup>. Objetivação poderia ser uma síntese apertada do pensamento dele, prestes a fazer algo relevante. Qual a dimensão da literatura e da presença de NELSON CERQUEIRA!

O jornalista, professor, poeta, romancista, crítico literário, ensaísta, jurista e administrador NELSON CERQUEIRA é, também, um invejável poliglota, ao dominar, em nível nativo, o português e o inglês, sendo fluente em francês, alemão, espanhol, italiano e russo, tendo ainda acesso à leitura em holandês, flamengo, catalão, galego, romeno, bávaro, iídiche e ladino, idioma dos judeus latinos, desenvolvido a partir do século XI da era cristã, e de largo uso do século XV em diante<sup>8</sup>.

“Da pesquisa de arquivo para a pesquisa literária”. De qualquer sorte, testemunho e protagonismo, alquimia, construção e logos, através de um confessado “pacto autobiográfico”. Em NELSON CERQUEIRA terá sido bem menor o “tênuo limite entre o literário e o histórico, entre o imaginário e o factual” a que se refere MARIA LUIZA RITZEL REMÉDIOS<sup>9</sup>, e decorre de uma complexa intermediação hermenêutica retratada por personagens ao mesmo tempo cotidianos e extraordinários; com interioridade, metamorfose e preparo além da média, tal o autor se revela:

1963, Joca (JOÃO CARLOS TEIXEIRA GOMES), hoje, confrade, pediu-me para elaborar um artigo sobre PABLO CASALS e outro de pesquisa sobre teatro Kabuki, por solicitação de MISAEL TAVARES, editor do suplemento, do *Jornal da Bahia*, de JOÃO FALCÃO, imortalizado por essa Academia (cadeira 35). ROBSON, do arquivo, deu-me material suficiente.

Esses escritos iniciaram meu espírito de pesquisador, empurrado por NEGRÃO, Chefe das Oficinas e MUNIZ SODRÉ, na página internacional, junto à sala da revisão de provas. JOCA, FLORISVALDO MATTOS (nosso poeta e confrade), SÓSTENES GENTIL, NELSON DE ARAUJO, ORLANDO SENNA, GLAUBER ROCHA, SÔNIA COUTINHO, MARCOS SANTARRITA, lendo JAMES BALDWIN em inglês para trabalhar uma tradução: eis minha primeira formação, minha primeira escola.

O artigo sobre PABLO CASALS levou-me a descobrir sua relação com VILLA-LOBOS e a uma paixão pela música clássica, alimentada pelas noites de óperas na rua Ilhéus. Ali, já começava a construção de uma nau que me levaria ao ensaio, sobretudo literário, embora meu espírito irrequieto me empurrasse sempre para a poesia e a ficção. Como o acadêmico ARAMIS RIBEIRO COSTA, em seu discurso ao receber o confrade CYRO DE MATTOS propôs: a biografia do escritor deve começar com sua primeira publicação. E se assim o for, nasci em 1963, com os artigos publicados e assinados no *Jornal da Bahia*<sup>10</sup>.

Com as primeiras publicações, somadas aos dons de poeta e de poliglota, NELSON CERQUEIRA teria se acostumado ao que denomino “textos para ler em voz alta”,

---

<sup>7</sup> BARTHES, Roland. **Aula**: Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada no dia 7 de janeiro de 1977. Tradução de Leyla Perrone-Moysés. Cultrix: São Paulo. 2004, 11 ed.

<sup>8</sup> Discurso de recepção.

<sup>9</sup> REMÉDIOS, Maria Luiza. **Literatura confessional: espaço autobiográfico**. In: REMÉDIOS, Maria Luiza. **Literatura confessional – autobiografia e ficcionalidade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997

<sup>10</sup> Discurso de posse.

combinando, em dose certa, descrição e narrativa, o que empresta rara elegância aos seus escritos, dentro do sentido original que se atribuía a *verba volant*, conforme ensina ALBERTO MANGUEL, a tanto se somando a atualidade das pontuações e das marcações gráficas escassas na escrita original daqueles textos clássicos:

As palavras escritas, desde os tempos das primeiras tabuletas sumérias, destinavam-se a ser pronunciadas em voz alta, uma vez que os signos traziam implícito, como se fosse sua alma, um som particular. A frase clássica *scripta manent, verba volant* – que veio a significar, em nossa época, “a escrita fica, as palavras voam” – costumava expressar exatamente o contrário: foi cunhada como elogio à palavra dita em voz alta, que tem asas e pode voar, em comparação com a palavra silenciosa na página, que está parada, morta<sup>11</sup>.

Escritos que conservam um som particular! E ele, ainda assim, se mostra precavido com as limitações da linguagem escrita, ao afirmar que continua aprendendo a arte de narrar [narrar em voz alta!] quando, na verdade, o que sempre exhibe é mestria em tal fazer:

Com meus estudos em literatura e filosofia no Brasil, França, Itália, Alemanha e mais extensamente nos Estados Unidos aprendi entre 1969 e 1986, e continuo a aprender a arte de narrar - entenda-se narrar em seu sentido mais amplo, da ficção à história, da narrativa oral à pictórica, do texto jurídico ao ensaio poético. Nesse singlar de letras e formas sempre busco o não linear. Eis porque meus livros de ensaios ou livros editados podem ser lidos sem ordem cronológica, sem ordem conteudista<sup>12</sup>.

Com idêntico pioneirismo, essa não-linearidade de NELSON CERQUEIRA, doutor pela Indiana University, ofereceu o primeiro curso sobre JORGE AMADO em universidade norte-americana, evidente contributo para o entendimento político, estético, social e ideológico de sua obra, com o emprego de inovadoras formas de sua leitura:

Dos 19 livros que já escreveu, dois são sobre a obra de JORGE AMADO, sendo o mais recente, *Uma visita a Jorge Amado*, edição bilingue, com introdução do nosso chanceler, o confrade EDIVALDO BOAVENTURA; um sobre GRACILIANO RAMOS e WILLIAM FAULKNER; um sobre o poeta AGOSTINHO NETO; dois livros de poesia, o mais recente *Pêndulo/poemas*, com introdução de ILDAZIO TAVARES. Seu primeiro romance *Martin: brasileiro judeu e sem dinheiro* virou tema de palestras em diferentes universidades, como a Temple University, Indiana University, Bloomington, em Princeton para a associação de ex-alunos da Princeton University, e no Feinstein Center for American Jewish History, na Filadélfia<sup>13</sup>.

Já entre aqueles escritos jornalísticos iniciais, num deles, de 1972, NELSON CERQUEIRA adentra com mestria também a ficção científica, território de FRANKENSTEIN ou o PROMETEU moderno (1817), de MARY SHELLEY, contos de E. T. A. HOFFMAN; em *O Médico e o monstro* (1886), de STEVENSON ou *As Aventuras de Gulliver*, de JONATHAN SWIFT e

---

<sup>11</sup> MANGUEL. Uma história da leitura, p. 61-62-63-64.

<sup>12</sup> Discurso de posse.

<sup>13</sup> Discurso de recepção.

assim prenuncia o *pháinein* de suas tantas trilhas que o foram transformando em apego passo-a-passo e verticalidade bastantes, em termos de um contributo relevante, inclusive como jurista, no campo hermenêutico, tendo como ponto de partida a palavra, aqui reexplorada em suas tantas possibilidades.

Nesse sentido, o domínio de NELSON CERQUEIRA no campo da literatura comparada possibilita-lhe a inserção em novas descrições e narrativas “pondo em xeque com esse domínio a própria compartimentalização do saber que dominou as instituições de ensino no ocidente, sobretudo a partir do Iluminismo”, conforme define EDUARDO COUTINHO:

Tendo surgido como uma espécie de contrapartida para os estudos das literaturas nacionais, cujo âmbito se restringia à produção de uma nação, ou quando muito ao de um idioma, tomado como referência da produção de uma ou mais nações, a Literatura Comparada porta, desde sua fase inicial de configuração como disciplina acadêmica, uma transversalidade que a conduz não só além das fronteiras nacionais e idiomáticas, mas também interdisciplinares, rompendo frequentemente com as barreiras entre as disciplinas e pondo em xeque a compartimentação do saber, que dominou as instituições de ensino no Ocidente, sobretudo a partir do Iluminismo<sup>14</sup>.

Seria o encontro do outro, na inquietude de tantas idas e vindas reais e simbólicas?

Um sentido só revela as suas profundezas encontrando e contatando o outro, o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de diálogo que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas.

[...]Colocamos para a cultura do outro novas questões que ela mesma não se colocava; nela procuramos resposta a essas questões, e a cultura do outro nos responde, revelando-nos seus novos aspectos, novas profundezas do sentido<sup>15</sup>.

Ali, (Estante, 23.24/04/72), o registro de uma dimensão também pioneira e insondável quando afirma que a ficção científica é ameaçada pelos caras que só escrevem sexo: “Quando acontece não ser o sexo, apelam para as repetições de temas que fizeram sucesso nas livrarias ou no cinema”: Já houve quem se referisse a ela como a “ficção do se”, ficção do insondável além e outro, retratados por BAKHTIN.

Aliás, flertando com um KAFKA acusado de antirrealista e fantasmagórico, NELSON CERQUEIRA prossegue, em sua objetivação, com os enfrentamentos que o redimensionam e alça-o a patamares mais altos dos domínios filosóficos e literários, ao palmilhar mais essa

---

<sup>14</sup>COUTINHO, Eduardo F. Literatura comparada e interdisciplinaridade. Em: OURIQUE, João Luís Pereira; CUNHA, João Manuel dos Santos; NEUMANN, Gerson Roberto (orgs.). **Literatura: crítica comparada**. Pelotas: Editora Universitária PREC/UFPEL, 2011, p.11.

<sup>15</sup>BAKHTIN, M. A ciência da literatura hoje (Resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*) (1970). In.: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 19.

nova faceta do fantástico ou da ampliação de mundo, o que redimensiona e amplia, a partir daí, o sentido e o alcance universal de suas produções:

Após Instituto de Letras, realmente o ensaio me comanda. Na dissertação de mestrado, que houvera prometido à Comissão Fulbright pesquisar WALT WHITMAN e JORGE DE LIMA, mudei de rota e escrevi um ensaio de metacrítica buscando desconstruir a crítica marxista ortodoxa que condenara FRANZ KAFKA, acusando-o de decadente, fantasmagórico, antirrealista e antirrevolucionário. Um dos capítulos da dissertação trata da questão do julgamento diante do texto em paráfrase metalinguística ao conto de KAFKA, *Diante da Lei*, e em resposta direta ao GEORG LUKACS de *Wider den missverstandenen Realismus*. É minha tentativa de, com SARTRE, GARAUDY, FISCHER e outros, resgatar KAFKA para o centro da literatura ocidental<sup>16</sup>.

E assim, desde o início, o autor se indaga, indaga-se e se “separa”, reflete e se encontra altaneiro nesse eterno e “tênue limite entre o literário e o histórico, entre o imaginário e o factual”, através da escolha dos mais variados e aparentemente paradoxais ingredientes discursivos que, através de reais e gnósicas viagens na “outra narrativa” de TZVETAN TODOROV<sup>17</sup>, finalmente triunfam em aparecer, mostrar, tornar visível e iluminar a falta, de alguma forma, retomados em *O quinto Segredo de Jane* pelo *alter ego* BRONCOSO:

- É a partir dessa luz que SIMON CRITCHLEY propõe ser a ideia básica de O ser e o tempo, de HEIDEGGER, uma coisa simples: o ser é tempo e o tempo é finito. Assim chega a finitude do homem ao âmbito da filosofia e da fenomenologia. O homem chega ao fim, e com esse fim, à morte. Assim, se alguém pretende compreender o que seria um ser humano autêntico ter-se-á que permanentemente estar a projetar nossas vidas no horizonte da morte. Por isso, o conceito de HEIDEGGER ser-para-a-morte é tão importante no âmbito da pós-filosofia. Se nosso tempo é finito, se nossos conceitos filosóficos são finitos, então uma vida humana autêntica só pode ser entendida em termos de sua finitude e em termos de sua morte: filosofar é aprender algo acerca do processo de morrer<sup>18</sup>.

Trata-se, então, de arrojada aposta na mensagem em vez de aposta em seu mensageiro, mas, de qualquer sorte, opera-se o tal de “renascimento tardio” e assim a imprescindível elevação literária de uma obra imprescindível:

[...]A ideia de ser-para-a-morte é certamente não relacional, indefinida, primeiro porque a morte é não relacional no sentido de que em se estando diante da morte, corta-se todas as relações com o outro, a morte não pode ser experimentada com a morte do outro, mas só se eu próprio pudesse morrer, se já não estivesse conceitualmente morto. A morte é algo indefinido, pois embora saibamos que ela existe nos posicionamos em um estado de indiferença, pois esquecemos que acontece, se acontece e quando acontece, a menos que estejamos diante da morte do outro: ilusão de entendimento<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup>Discurso de posse.

<sup>17</sup>TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2007.

<sup>18</sup> O Quinto Segredo de Jane.

<sup>19</sup> Idem.

Nesse deliberado e consciente propósito de NELSON CERQUEIRA opera-se, sobretudo, o pacto autobiográfico com o leitor, através de narrativa retrospectiva em prosa que focaliza a história de sua existência, demonstrado por PHILLIPE LEJEUNE<sup>20</sup>, através de empreendimento elaborado com a intenção de que o leitor compreenda os acontecimentos como verdadeiros, através de um pacto, novamente demonstrado no romance *O coronel da camisa listrada*, editora Porta, Amazon.com, 2022, acerca de seu entendimento, como teórico da literatura e hermeneuta, do que entende por teoria do romance e teoria da tradução. O teorizado aflora no ato da escrita:

Eis o desafio maior. Quando você conta algo ou traduz algo, você está partindo de aspecto da história ou do poema já em si selecionado de um todo pelo autor ou pelo agente. Trata-se de um ato perpétuo de interpretação. A ação original aparece filtrada pela memória do agente e passa a ser filtrada pela narração do que foi narrado. Da mesma forma a tradução do poema traz em si a visão do tradutor ao interpretar o que o autor selecionou de uma ação ou um momento para elaborar o poema<sup>21</sup>.

Em março de 2020, logo depois do carnaval, no início da pandemia e dos apelos da Organização Mundial de Saúde para que todos ficassem em casa, NELSON CERQUEIRA novamente se confessa um dos primeiros a adotar a reclusão, não porque estivesse com medo de morrer — como sustentaria o *alter ego* MARTIN — mas por recorrente e prolífica inquietação frente ao absoluto e às novas pérolas que brotariam dessa escolha:

Como esclarece um dos personagens de meus romances eu não morro, quem morre são os outros. “Sou convidado para o enterro deles e jamais serei convidado para meu enterro” [MARTIN em *Judeu Brasileiro e Sem Dinheiro*]. Na reclusão, com aulas de teoria do método para alunos de pós-graduação stricto sensu em Direito e outros afazeres administrativos ligados à universidade ZACARIAS DE GÓES, acordei um dia, inebriante de Ideias e pensei que poderia usar parte desse tempo de isolamento para voltar a escrever poesia. Olhei meus livros anteriores já publicados e diante de um dos raros sonetos publicados, em *Antologia Poética* (1975), disse para mim mesmo: “pronto, eis o teu desafio: escrever sonetos. Mas, para aumentar o desafio, escreva um soneto por dia. Com isso, jamais terá um minuto livre<sup>22</sup>”.

Seria outro exílio voluntário, a exemplo do seu “Brasil, ame-o ou deixe-o” em 1969? É a objetivação em NELSON CERQUEIRA, sempre produtiva! “Primeiro para Paris, depois

---

<sup>20</sup> LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico*. De Rousseau à Internet. Jovita Maria Gerheim Noronha (org.) (Trad.) Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2008.

<sup>21</sup> CERQUEIRA, Nelson. *O coronel da camisa listrada*.

<sup>22</sup> CERQUEIRA, Nelson. *Sonetos*

para Munique e meus *entretiens* com JEAN PAUL SARTRE no *Le Dome* e *Les Deux Magots*, como não registrar o impacto desses encontros sobre minha vida literária”<sup>23</sup>.

## **A potência da palavra em ação. Finalmente, mais que conhecer, direcionar, apoiar e provocar grandes realizações.**

Em 1990 NELSON CERQUEIRA inicia suas atividades na interpretação de fenômenos econômicos junto à Federação das Indústrias da Bahia, a convite de FAUZE MIDLEJ. Foco. Relação universidade e indústria. Diretor do Software para Exportação, superintendente do Instituto Euvaldo Lodi, bolsista do Conselho Nacional para Desenvolvimento da Pesquisa - CNPq para informática e sociedade para pesquisa junto à mecatrônica da Universidade de São Paulo-USP no programa AP3I com o cientista REINALDO SILVA, bem como liderou as incubadoras de empresas tecnológicas, metrologia, design industrial diretamente com universidades na ALEMANHA como AACHEN e fundações como STEINBEIS e foi membro do conselho do Sebrae e professor no mestrado de engenharia da Ufba.- Universidade Federal da Bahia.

Em 1996, foi apresentado por AUGUSTO BURITY, diretor da Fundação Cultural da Bahia e HEITOR REIS, do Museu de Arte Moderna a JOÃO UCHOA, presidente da Universidade Estácio de Sá, na Barra da Tijuca, e esse encontro resultou na fundação da FIB - Faculdade Integrada da Bahia a qual transformou em Centro Universitário e foi nomeado reitor, cargo que exerceu entre 2004 e 2009.

Direcionamento, portanto, tem aqui o sentido radical de agenda do pensador e realizador NELSON CERQUEIRA, espécie de estratégia para se libertar definitivamente do que lhe impacta, separando-se imediatamente do que lhe afeta, através do trabalho, “a mão ligada ao cérebro” antes e também atribuída a ANÍSIO TEIXEIRA, conforme JOACI GÓES em discurso de recepção:

Deixei por derradeiro a narrativa da vitoriosa ação de NELSON no universo da práxis, feito que o enquadra na categoria dos poucos que trafegam com o mesmo eficiente desembaraço nos campos da teoria e da prática. Pode ele ser incluído no elogio que JAYME JUNQUEIRA AYRES fez de ANÍSIO TEIXEIRA, ao dizer que o maior educador brasileiro tinha a mão ligada ao cérebro, tamanha sua habilidade para dar vida consistente ao que pensava, como costuma lembrar nosso chanceler EDIVALDO BOAVENTURA, ele próprio membro destacado dessa grei rara. Apresentado ao presidente da Universidade Estácio de Sá, a maior do Brasil e uma das maiores do mundo, em número de alunos, NELSON o convenceu a abrir filiais na Bahia, tarefa impossível, do ponto de vista formal, segundo as regras do

---

<sup>23</sup> Discurso de posse.

MEC. Criou-se, então, a FIB – Faculdades Integradas da Bahia, sob o comando do ilustre *scholar* nascido em Irará. Testemunhamos a marcha vitoriosa da FIB, sob o comando completo de NELSON, que, na fase inicial exercia todas as funções, inclusive conseguindo o espaço inicial com o prestígio do seu nome, bem como a legião de professores qualificados que fez com que ao deixar o comando, em 2009, a Instituição contasse com 13 mil alunos, registrando absoluto recorde de avanço, em projetos dessa natureza, administrados pela iniciativa privada. Tudo isso a golpes de talento, mesclado com saber, serenidade, disposição para o trabalho e honradez<sup>24</sup>.

Em relação a esse importante feito, NELSON CERQUEIRA novamente desloca a aposta do mensageiro à mensagem em si transmitida:

Tenho a honra e alegria de haver formado centenas e centenas de pessoas nas mais diversas profissões, entregando-lhes diplomas que abriram caminhos para uma grande curva de mobilidade social, tanto empresarial quanto acadêmica<sup>25</sup>.

### - *Ach, so! (Entendo!)*

Com a revelação do método, retomo o “trabalho de deslocamento que ele [NELSON CERQUEIRA] exerce sobre a língua”, na perspectiva de ROLAND BARTHES. No rodapé “Ficção (I)” datado de 4 de fevereiro de 1943 e dedicado à leitura de Dois mundos, livro de contos de AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA, ANTONIO CANDIDO, citado por RODRIGO MARTINS RAMASSOTE, indica que

Se me perguntarem qual o critério mais firme e mais imediato para se julgar uma obra de arte ou de literatura, eu direi que é o critério da sua necessidade. Necessidade, neste sentido, quer dizer a presença de uma série de razões que fazem com que a obra pareça alguma coisa que não poderia deixar de existir [...]. Este caráter é dado à obra por um conjunto de fatores, tanto internos quanto externos, que se reúnem, afinal de contas, para a sua funcionalidade, isto é, a sua razão de ser em função de certos problemas ou, simplesmente, certas características do homem ou da sociedade de uma época. Uma obra autêntica, no sentido próprio, é sempre uma resposta: uma resposta dada por um indivíduo, de mais sensibilidade ou mais penetração do que a média, aos inúmeros problemas que ele vê ou presente em si, nos outros ou no grupo (CANDIDO, 1943b)<sup>26</sup>.

Mestre das palavras, parece que NELSON CERQUEIRA seguiu o conselho de AUSTIN KLEON: o texto elegante e preciso deve chegar a bom termo o mais rápido possível e, de alguma forma, "criatividade é subtração", escolha do que “é mostrado, *versus* o que não é”,

---

<sup>24</sup> GÓES, Joaci. Discurso de recepção a Nelson Cerqueira.

<sup>25</sup> Discurso de posse.

<sup>26</sup> RAMASSOTE, Rodrigo Martins. Inquietudes da crítica literária militante de Antonio Candido. **Tempo social**, v. 23, p. 41-70, 2011, p.47.

dizia SAUL STEINBERG<sup>27</sup>. Escolhas marcantes no regresso à natureza empreendido na arte de CARLOS PÁEZ VILARÓ e também nos contornos pictóricos das invenções de OSCAR NIEMAYER e de LE CORBUSIER. É a inovadora técnica NELSON CERQUEIRA através de capítulos independentes e nítidos, elaborados para dispensar uma ordem para que o público a saboreie como desejar:

Independentes, mesmo a introdução e a conclusão são capítulos. Não escrevo ode à organização de AUGUSTO COMTE, assim posso ou não ser compreendido, mas ao mesmo tempo posso ser alvo de momento de compreensão aleatória, em meu navegar entre o apolíneo e o dionisíaco. Eis a beleza máxima! Meu livro sobre a crítica marxista de FRANZ KAFKA ou sobre a recepção estética do poeta angolano AGOSTINHO NETO são construídos em capítulo/ texto/artigo/ *papers* independentes, com vida, conteúdo, bibliografia, estrutura próprias. Não necessariamente dependendo um do outro; assim se lermos todos os capítulos/textos poderemos ser melhor agraciados com uma visão global, embora sempre incompleta, do todo em análise e foco<sup>28</sup>.

Logo, no pacto autobiográfico de NELSON CERQUEIRA, mais que nunca, “o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico, mas dramático”, conforme teoriza BARTHES (p. 16- 19)<sup>29</sup> porém, igualmente, continua sendo contributo para uma ciência moderna que ao postular, “em sua atitude fundamental, a relatividade infinita de seus referenciais” demonstra ter visão vasta, que resistiria às críticas que BARTHES teria recebido de ANTOINE COMPAGNON, numa tentativa de reduzir a instância hermenêutica a “um quase-mundo”, à moda dos filósofos analíticos:

O crítico é também um escritor porque o mundo é um livro. BARTHES escreve “o livro é um mundo” quando deveria escrever “o mundo é um livro”, ou, então, “não é mais do que um livro”, ao mesmo tempo para se conformar com a ideia do arbitrário da língua e para justificar a identidade entre o crítico e o escritor. Mas a negação da realidade, proclamada pela teoria literária, não é mais que uma negação, ou o que FREUD chama de uma denegação, isto é, uma negação que coexiste, numa espécie de consciência dupla, com a crença incoercível de que o livro fala “apesar de tudo” do mundo, ou que ele constitui um mundo, ou um “quase-mundo”, como falam os filósofos analíticos a respeito da ficção<sup>30</sup>.

Aqui, esse domínio é potencializado por técnica literária e clareza de propósitos que unem e ampliam os inatos e vastos hemisférios de reflexividade do autor: “a mesma água, o

---

<sup>27</sup> KLEON, Austin. **Roube como um artista. 10 dicas de criatividade**. Tradução Leonardo Villa-Forte. Rio de Janeiro: Rocco, 2013, p. 142-144.

<sup>28</sup> Discurso de posse.

<sup>29</sup> BARTHES, Roland. **Aula**: Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada no dia 7 de janeiro de 1977. Tradução de Leyla Perrone-Moysés. Cultrix: São Paulo, 2004, 11 ed.

<sup>30</sup> COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria. Literatura e senso comum. Belo Horizonte: UFMG, 2006. pp. 137-138.

mesmo mar que outrora fora sertão, como queria GLAUBER ROCHA, a embriagar-me sempre e sempre”, seriam bastantes para retratar o caráter imprescindível do universo cerqueiriano no atendimento lúcido às mais variadas possibilidades úteis de sua leitura:

Entendo por literatura não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo de uma prática: a prática de escrever. Não viso, portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, pois o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. [...]

A literatura assume muitos saberes. Num romance como ROBINSON CRUSOÉ, há um saber histórico, geográfico, social (colonial) técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso do socialismo ou de barbáries, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real<sup>31</sup>.

Exemplo disso é a passagem do romance *Martin Judeu Brasileiro e sem dinheiro* (São Paulo, Garimpo editora, 2017, pp. 8-9, autobiográfica de sua viagem em 1969:

Alemanha Oriental. O trem parou a 1.500 metros da entrada da fronteira. Se houvera sido uma aventura para entrar na Iugoslávia, nada se poderia comparar com o que se estava agora a vivenciar: soldadesca enorme, aos gritos de *Pass auf! (Cuidado!) Achtung! (Atenção!)* Parecia que havia mais soldados na fronteira para controlar do que passageiros no trem, entrando na Alemanha.

Abriam minha maleta de estudante a caminho de Berlim Ocidental, onde iria fazer palestras em um seminário sobre a pobreza do Nordeste do Brasil, com o professor KURT JOHANSEN, que conhecera em Munique, durante meus estudos de filosofia. Retiraram cada item, colocaram no assoalho do trem, abriram uma caixinha com duas canetas, um lápis e três borrachas, apertaram um tubo de pasta de dente com letras em português, para ver se era pasta mesmo, retiraram o forro da maleta, folhearam os livros que carregava com todo cuidado, sem perder uma página, e, após tudo, disseram-me "pode arrumar suas coisas". Continuavam olhando meus cabelos longos e minha barba, com muita, muita desconfiança.

- O que vem fazer na República Democrática da Alemanha? Seja detalhado!

- Apenas estou passando pelas terras da democracia para chegar a Berlim, aonde vou dar umas aulas sobre o Brasil! É que vim de trem de Trieste e para chegar a Berlim terá que passar pelas terras da Iugoslávia e da Alemanha Oriental. Mas garanto-lhe que não vim para esse país, apesar de minha admiração.

- *Was? (O que?)*. Berlim? Afinal, que Berlim?

- Berlim Ocidental. As aulas serão na Freie Universitat (Universidad Livre).

- Identidade? Convite? Dinheiro?

Mostrei tudo que possuía, inclusive a carteira de cédulas, com 234 marcos.

---

<sup>31</sup> BARTHES, Roland. Aula: Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada no dia 7 de janeiro de 1977. Tradução de Leyla Perrone-Moysés. Cultrix: São Paulo. 2004, 11 ed, pp. 15-16 e 18-19.

- Você é judeu? - perguntou-me, com ar detalhista.
- Sem provocar, respondi:
- Sou brasileiro, da América do Sul, associado ao Partido Comunista.
- Burguês?
- Não, simpatizo com a revolução proletária.
- *Ach, sol! (Entendo)*<sup>32</sup>

## **A título de conclusão.**

Segundo LEILA PERRONE-MOISÉS, a criação presume que o artista não imita a natureza, cria outra. Destarte, o autor é inventor que concebe algo. Logo, ao dizer o real, a literatura falha, mas ao falhar diz outra coisa, desvendando um mundo mais real do que aquele que pretendia dizer através de sua reconstrução pelas palavras. Destarte, a “literatura nasce de uma dupla falta: uma falta sentida no mundo, que se pretende suprir pela linguagem, ela própria sentida em seguida como falta”<sup>33</sup>; faltas as quais competentemente NELSON CERQUEIRA se antecipa em as preencher com a “mão ligada ao cérebro”: alquimia, construção e logos através da consistência de um pacto autobiográfico.

E assim, pela objetivação, a reconstrução pelas palavras em NELSON CERQUEIRA — com abrangência, gênio, engenho e método — constitui ingresso e salvo-conduto em um novo sistema, da construção hermenêutica e filosófica e de “fabricação” poética, ou seja, hipótese de poesia-ponte no dizer de HEIDEGGER, o que desenganadamente fundamenta o caráter necessário de uma obra literariamente imprescindível.

Punta Del Este, dezembro de 2023.

## **REFERÊNCIAS:**

- BAKHTIN, M. A ciência da literatura hoje (Resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*) (1970). In.: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Tradução e organização de Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.
- BARTHES, Roland. **Aula**: Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada no dia 7 de janeiro de 1977. Tradução de Leyla Perrone-Moysés. Cultrix: São Paulo. 2004, 11 ed.

---

<sup>32</sup> CERQUEIRA, Nelson. **Martin Judeu Brasileiro e sem dinheiro**. São Paulo, Garimpo editora, 2017, pp. 8-9.

<sup>33</sup> PERRONE-MOISÉS, Leyla. —A criação do texto literário. In: **Flores na escrivantina**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 102-103

CERQUEIRA, Nelson. **Martin Judeu Brasileiro e sem dinheiro**. São Paulo, Garimpo editora, 2017

\_\_\_\_\_. DISCURSO DE POSSE NA CADEIRA 4. **Revista da Academia de Letras da Bahia**, n. 56, 2018. Disponível em: <https://revista.academiadeletrasdabahia.org.br/index.php/ALB/catalog/view/4/4/17>. Acesso em: 5 dez 2023.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria. Literatura e senso comum**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

COUTINHO, Eduardo F. Literatura comparada e interdisciplinaridade. Em: OURIQUE, João Luís Pereira; CUNHA, João Manuel dos Santos; NEUMANN, Gerson Roberto (orgs.). **Literatura: crítica comparada**. Pelotas: Editora Universitária PREC/UFPEL, 2011.

GÓES, Joaci. DISCURSO DE RECEPÇÃO A NELSON CERQUEIRA. **Revista da Academia de Letras da Bahia**, n. 56, 2018. Disponível em: <https://revista.academiadeletrasdabahia.org.br/index.php/ALB/catalog/view/4/4/17>. Acesso em: 5 dez 2023.

KLEON, Austin. **Roube como um artista. 10 dicas de criatividade**. Tradução Leonardo Villa-Forte. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico**. De Rousseau à Internet. Jovita Maria Gerheim Noronha (org.) (Trad.) Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2008.

LUDMER, Josefina. **Aqui América Latina: uma especulação**. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. —A criação do texto literário. In: **Flores na escrivantina**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RAMASSOTE, Rodrigo Martins. **Inquietudes da crítica literária militante de Antonio Candido**. Tempo social, v. 23, p. 41-70, 2011.

REMÉDIOS, Maria Luiza. Literatura confessional: espaço autobiográfico. In: REMÉDIOS, Maria Luiza. **Literatura confessional – autobiografia e ficcionalidade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2007.